
LETRAMENTO E SURDEZ : A LÍNGUA DE SINAIS COMO MEDIADORA NA COMPREENSÃO DA NOTICIA ESCRITA

Andréa da Silva Rosa
Luciana Cristina Trevizanutto

Resumo: O presente artigo tem como objetivo discutir a constituição da língua de sinais como mediadora para a compreensão do português escrito para leitores surdos não alfabetizados. Procuramos, neste trabalho, abordar a notícia, como unidade de texto que se constitui através de determinadas relações como acontecimento da cidade. Enquanto projeto de busca de significado, a leitura de jornais em língua de sinais foi geradora de novas experiências para os leitores surdos, através da apropriação e transformação de significados das notícias impressas, o leitor surdo se constitui autor e produtor de seu próprio texto.

Palavras-chave: Língua de sinais; Notícias; Letramento

Abstract: This article aims to discuss how sign language mediates the understanding of written Portuguese for deaf non-literate readers. In this paper, we discuss news matter as text unit, constituted by means of certain relationships between the deaf reader and events occurring in the environment. As a project which intends to seek meaning, reading the paper in sign language generated new experience for deaf readers, though the appropriation and transformation of meaning of printed news, deaf readers can become authors and producers of their own texts.

Keywords: Sign language; News; Literacy

INTRODUÇÃO

Durante o desenvolvimento desse trabalho pude perceber a distância entre leitor surdo e o texto escrito. Muitas expressões do cotidiano parecem ser completamente desconhecidas por eles e nada diziam a esses leitores.

O conhecimento prévio que o leitor surdo tem de mundo é assimilado e transmitido através da língua de sinais. É no uso dessa língua que se torna possível a compreensão do texto fazendo da leitura uma atividade caracterizada pelo engajamento e uso do conhecimento, em vez de uma mera recepção passiva. O conhecimento lingüístico, textual e de mundo ao ser ativado com a língua de sinais durante a leitura possibilita a compreensão da notícia escrita.

Segundo Kleiman são vários os níveis de conhecimento que entram em jogo durante a leitura.

“A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento lingüístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue

constituir o sentido de texto. E porque o leitor utiliza justamente diversos níveis de conhecimento que interagem entre si, a leitura é considerada um processo interativo. Pode-se dizer com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão.”
(KLEIMAN, 1989:13)

As reportagens do jornal começaram a ser compreendidas a partir do conhecimento da língua brasileira de sinais – LIBRAS. As notícias eram escolhidas pelos leitores surdos que depois de examinarem todo o jornal demonstravam muito interesse pelo caderno de esportes, pois os enunciados futebolísticos já eram conhecido e as fotos auxiliavam na compreensão do texto que é lido em sinais, sendo a LIBRAS a língua mediadora para o português escrito.

Como língua mediadora a LIBRAS fortaleceu a leitura porque quando já compreendido o conteúdo das reportagens havia interesse dos leitores surdos em conhecer o significado das expressões impressas no jornal.

Vale ressaltar que nem todos os leitores são alfabetizados porém todos dominam a língua de sinais e todos durante um período de suas vidas longo ou curto já freqüentaram os bancos

escolares, e cada qual por diferentes razões, abandonaram a escola sem adquirir o domínio da escrita.

A leitura das reportagens e informações contidas no jornal em língua de sinais teve como objetivo criar novos hábitos de leitura e possibilitar ao surdo se inteirar dos assuntos de sua cidade.

LÍNGUA DE SINAIS

A língua de sinais vem assumindo um lugar cada vez mais relevante na educação do surdo.

A proposta bilíngüe para surdos adultos não oralizados, língua de sinais como primeira língua e português escrito como segunda língua, não privilegia uma língua, mas quer dar direito e condição ao leitor surdo de poder utilizar duas línguas, não se trata de negação, mas de respeito, o sujeito surdo escolherá a língua que irá utilizar em cada situação lingüística em que se encontrar.

É necessário compreender que as línguas de sinais apresentam-se numa modalidade diferente das línguas orais; são espaço – visuais, ou seja, a realização dessas línguas não é estabelecida através da visão e da utilização do espaço. A diferença na modalidade determina o uso

de mecanismos sintáticos especialmente diferentes dos utilizados nas línguas orais. (QUADROS, 1997:46)

Tais línguas são naturais internamente e externamente, pois refletem a capacidade humana para a linguagem e porque surgiram da mesma forma que as línguas orais, isto é, a partir da necessidade específica e natural dos seres humanos de usarem um sistema lingüístico para expressarem idéias, sentimentos e ações. As línguas de sinais são sistemas lingüísticos independentes das línguas orais. As línguas de sinais são sistemas lingüísticos que passam de geração em geração de pessoas surdas, são línguas naturais que se desenvolvem no meio em que vive a comunidade surda. (QUADROS, 1997: 46-47).

Os surdos formam uma comunidade lingüística minoritária caracterizada por compartilhar uma língua espaço – visual. A língua de sinais constitui o elemento identificatório dos surdos, e o fato de constituir-se em comunidade significa que compartilham e conhecem os usos e normas da mesma língua já que interagem cotidianamente em um processo comunicativo eficaz e eficiente. Isto é, desenvolvem as competências lingüísticas, comunicativa e

cognitiva por meio do uso da língua de sinais própria de cada comunidade. Segundo Skliar, 1999:142: “A língua de sinais anula a deficiência e permite que os surdos constituam, então, uma comunidade lingüística minoritária diferente e não um desvio da normalidade”. Com a língua de sinais o surdo pode tomar a palavra.

LETRAMENTO E SURDEZ

Ler e escrever são processos sociais utilizados para a comunicação entre as pessoas. Na medida em que as linguagens são sociais, todos estão limitados pela mesma necessidade de ser compreensíveis uns para com os outros, entretanto podem ter diferenças básicas entre si.

Não tendo tendência natural ao aprendizado da língua oral, os surdos foram, e são muitas vezes ainda, submetidos a um processo de ensino da língua escrita por meio de uma prática estruturada e repetitiva, na qual a língua tem sido apresentada com uma lista de vocábulos que os alunos têm de aprender e posteriormente combinar com outras palavras, obedecendo regras de formação de sílabas, vocábulos e de frases do

português. (...) “a ênfase na decodificação das palavras independente de seu significado cria, na escola, uma pseudolinguagem para falar da escrita, produzindo uma ruptura tanto no desenvolvimento da linguagem oral do aluno como na linguagem escrita”. (TERZI, 1995:15)

Como resultado de tal prática os leitores surdos apresentam óbvia restrição de vocabulário, uso de frases estereotipadas, nas quais faltam os elementos de ligação. Assim, embora possam muitas vezes identificar significados de palavras, não conseguem fazer uso efetivo da língua.

Algo muito diferente acontece ao se adotar uma concepção interacionista de linguagem, espera-se que, expostas ao funcionamento lingüístico-discursivo da língua de sinais como mediadora para o aprendizado do português os leitores surdos sofram seus efeitos. Sujeitos surdos expostos á língua de sinais ou mesmo ao português escrito, podem ampliar seu vocabulário, á semelhança do que acontece com um leitor de língua estrangeira. Se este não tiver um bom domínio da língua, certamente terá dificuldades na compreensão de muitas palavras do texto. Neste caso ocorrem

duas alternativas: procurar todas as palavras que não sabe no dicionário ou tentar descobrir o sentido das mesmas pelo contexto.

“A escrita é um objeto que demanda interpretação do outro uma vez que, sendo língua(gem), tem na opacidade uma de suas características constitutivas. Mais do que se perseguir na escola as ampliação e memorização de vocabulário, a escrita e a leitura demandam a construção de um espaço dialógico de inserção. Só adquire significado se elo integrante da cadeia de enunciados nos quais o sujeito também se constitui”. (SOUZA, 1997:59)

O ato de ler sempre envolve apreensão, apropriação e transformação de significados, a partir de um documento escrito. Leitura sem compreensão e sem recriação do significado é pseudoleitura.

Segundo Soares, 2000:48.

“Ler é um conjunto de habilidades e comportamentos que se estendem desde simplesmente decodificar sílabas ou palavras até ler Grande Sertão Veredas de Guimarães Rosa... uma pessoa pode ser capaz de ler um bilhete, ou uma história em quadrinhos, e não ser capaz de ler um romance, um editorial de jornal. Assim: ler é um conjunto de habilidades, comportamentos, conhecimentos

que compõem um longo e complexo continuum..”

A esse conjunto de práticas de uso da escrita em todos os contextos sociais chamamos de letramento (SOARES, 2000:46). Letramento é então, o conjunto das experiências de utilização da escrita que são determinadas social e culturalmente.

Enquanto um projeto de busca de significado, a leitura deve ser geradora de novas experiências para o leitor. Ler sempre pressupõe um enriquecimento no desvelamento de novas possibilidades de existência. As experiências conseguidas por meio da leitura, além de facilitarem o posicionamento do ser sujeito numa condição especial (o usufruto dos bens culturais escritos), são ainda, as grandes fontes de energia que impulsionam a descoberta, elaboração e difusão do conhecimento.

Por isso mesmo, a leitura foi colocada como um instrumento de participação e renovação cultural.

METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido no período de agosto de 1998 á agosto de 1999, no auditório do

jornal Diário do povo. O encontro era semanal com duas horas de duração. O projeto era parte de um trabalho maior da Rede Anhaguera de Comunicação – RAC.

O número de participantes era inicialmente oito e posteriormente o trabalho foi concluído com vinte e cinco leitores surdos.

O jornal foi eleito por ser fonte primária de informação e espelha muitos valores sociais, tornando-se um instrumento importante para o leitor surdo se situar e se inserir na vida social da cidade.

O jornal apresenta um conjunto dos mais variados conteúdos,

preenchendo plenamente seu papel de objeto de comunicação.

JORNAL E ESCRITA

Em Campinas, a semana de 2 a 7 de março de 1999, foi marcada pela notícia da poda de árvores pela companhia de luz numa avenida muito movimentada da cidade. O clímax das notícias foi quando a prefeitura diz não ser responsável pela autorização dos cortes.



FIGURA 1 - Reportagem

A reportagem sobre a poda das árvores chamou atenção principalmente pelas fotos de lugares conhecidos pelos leitores surdos, despertando neles a curiosidade sobre o conteúdo impresso no jornal.

A partir do interesse dos leitores surdos a notícia foi lida em língua de sinais. Após a leitura houve uma pesquisa nos jornais dos dias anteriores, pois a questão já havia sido abordada anteriormente.

Durante a narrativa foi possível observar que os surdos com maior domínio da língua de sinais fizeram a narrativa de uma forma mais extensa.

Posteriormente a narrativa foi recontada na forma de história em quadrinhos.

O leitor surdo, assim como o jornalista traz para a leitura do jornal a sua visão de mundo.

O sentido da notícia não é dado pronto ao leitor. Ele deverá aprender a caminhar no jornal, a interpretar o que lê para se transformar num leitor crítico. Neste aspecto o jornal para os surdos adultos adquire sua grande importância. O leitor surdo desconstrói e reconstrói a notícia lida em função do próprio contexto em que vive.

No segundo momento os leitores relacionaram seus conhecimentos prévios e suas experiências de vida com as notícias. O resultado foi a narrativa de uma piada sobre surdos, ou melhor, uma árvore surda. A piada já era conhecida por toda a comunidade. Todos participantes fizeram questão de contar e recontar a piada acrescentando novos episódios ou simplificando a narrativa.



FIGURA 2 - *Historia em quadrinhos*

A leitura do jornal oferece, um contato direto com o texto autêntico (diferente dos textos preparados para o livro didático). Sendo assim, desenvolve, firma a capacidade e estimula a expressão escrita dos leitores surdos, que aprendem com o jornal a linguagem da comunicação para transmitirem suas próprias mensagens e informações.

Muitas vezes, espera-se que os surdos compreendam a escrita a partir da exposição de estruturas simples que gradativamente progridem para estruturas complexas. Concordo com Sánchez, 1989 quando diz que (...) *os surdos, de forma diferentes que os ouvintes, não podem aprender o som das letras porque não ouvem e não podem fazer uso do mecanismo alfabético para extrair significado do escrito (...)* Neste sentido, *devemos reafirmar a necessidade de facilitar a aquisição da língua através do contato significativo com ela.*

Sem possibilidade de compreender o material impresso, é impossível ao leitor surdo situar-se dentro dos horizontes veiculados pela escrita.

Assim sendo, devemos criar *as condições para que os surdos (...)* tenham a possibilidade de acesso ao domínio da língua escrita (...) *pela garantia de desenvolvimento normal de*

linguagem(...). Em segundo lugar, é imprescindível brindar a informação requerida para que as crianças surdas elaborem um conhecimento prévio sem o qual não é possível a interação com o texto escrito. (SANCHE apud LACERDA, 1996:7)

As notícias são compreendidas por meio da língua de sinais, e posteriormente na relação dos leitores surdos com o texto escrito, muito dos significados partilhados podem ser obtidos e construídos pelo leitor.

É realizado, então, um trabalho de comparação lingüística – português e língua de sinais – respeitando a estrutura de cada língua.

As construções próprias do português escrito podem ser abordadas a partir do contexto da notícia, facilitando a reflexão dos leitores surdos.

Uma diferença importante entre a língua de sinais e a língua escrita, é que na linguagem escrita as pessoas em comunicação raramente encontram-se na presença uma das outras. Enquanto, que para se comunicar em língua de sinais é preciso estar frente a frente para que seja possível a comunicação. Não podemos nos voltar para o escrito como podemos

faze-lo na presença do outro quando estamos nos comunicando em língua de sinais e perguntar-lhe: “Que quis dizer”. Trata-se de uma comunicação á distância entre leitor e escritor. Ler é buscar significado e o leitor deve ter um propósito para buscar significado no texto.

Sendo, a leitura do jornal bem conduzida, ela se torna mediadora entre leitores surdos e o mundo da escrita. O leitor surdo descobre a função social da escrita. Essa descoberta resultado da mediação da língua de sinais e escrita, possibilita a formação de novos conceitos e estabelece novos objetivos de leitura aos leitores surdos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Letramento é, sobretudo,
um mapa do coração do homem,
um mapa de quem você é,
e de tudo que você pode ser.
(SOARES, 2000:41)*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRA BRITO, L. **Integração social e educação de surdos**. Rio de Janeiro: Babel Editora, 1993.

FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

GOODY, J. **Cultura escrita en sociedades tradicionales**. Barcelona: Gedisa, 1996.

KLEIMAN, A. B. (Org.) **Os significados do letramento**. 2. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

KOCH, I. V. **A interação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992.

LARROSA, J. **Pedagogia profana**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

ORLANDI, E. P. (Org.) **A leitura e os leitores**. Campinas, SP: Pontes, 1998.

QUADROS, R. M. de. **Educação de surdos: aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SACKS, O. **Vendo vozes**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1989.

SÁNCHEZ, C. **La adquisición de la lingua escrita sin mediación de la lingua oral**. Caracas: OEA, 1989.

SILVA, E.T. da. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. São Paulo: Editora Autores Associados, 1981.

SKLIAR, C. (Org.) **Atualidade da educação bilíngüe para surdos**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SOUZA, R.M. **Práticas alfabetizadoras e subjetividade**. In: LACERDA, C.B.F; GÓES, M.C.R de (Org.). Surdez - processos educativos e subjetividade. São Paulo: LOVISE, 2000.

SOUZA, R M; VELSQUEZ, R. C; SIQUEIRA, R. **A escrita nas diferenças**. In: Anais do Seminário Desafios e Possibilidades na Educação Bilíngüe para Surdos. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Surdos: MEC. 21 a 23 de julho de 1997.

TERZI, S.B. **A construção da leitura**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1995.

VYGOSTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

Andréa da Silva Rosa

Pedagoga/Intérprete de Língua de Sinais - Mestranda em Educação – FE/UNICAMP.

andrearosas@zipmail.com.br

Luciana Cristina Trevizanutto

Relações Públicas/ Intérprete de Língua de Sinais

trevizanutto@hotmail.com
